

JOAQUIM NABUCO E A QUESTÃO SOCIAL

VAMIREH CHACON

Abolicionismo e Questão Social — Não vamos nos fixar, aqui, no que outros pensam, escrevem ou escreveram sobre Joaquim Nabuco. Preferimos ir direto às suas fontes, principalmente àquelas inéditas do ponto-de-vista de estudos precedentes acerca do tema a que nos propomos analisar agora. Baseados em Opúsculos e panfletos desconhecidos até o presente momento. (1)

Cumpre, porém, partirmos de alguns pressupostos básicos, contidos na sua obra fundamental *O Abolicionismo*, que sistematizam a visão nabuqueana da Questão Social.

Antes de mais nada sublinhemos que, para ele, a abolição jurídica da escravatura significava apenas o inicio de um itinerário de libertação da miséria. Já naquela época, Nabuco sentia que a pobreza estava associada à cor da pele e ao tipo antropológico: ser pobre e ser negro, ou mulato, eram fenômenos paralelos e intercausais. (2) Não bastava uma lei escrita para salvar um povo.

São suas próprias palavras: "Quando mesmo a emancipação total fosse decretada amanhã, a liquidação desse regime daria lugar a uma série infinita de questões, que só poderiam ser resolvidas de acordo com os interesses vitais do país pelo mesmo espírito de justiça e humanidade que dá ao Abolicionismo. Depois que os últimos escravos houverem (sic) sido arrancados ao Poder sinistro que representa para a raça negra a maldição da cor, será ainda preciso desbastar, por meio de uma educação viril e séria, a lenta estratificação de trezentos anos de cativelo, isto é, de despotismo, superstição e ignorância".

A Questão Social de hoje terá, portanto, longas raízes no passado...

"O processo natural pelo qual a Escravidão fossilizou nos seus moldes a exuberante vitalidade do nosso povo, durou todo o período do nosso crescimento, e enquanto a nação não tiver consciência de que lhe é indispensável adaptar à liberdade cada

(1) Osvaldo Melo Braga ignora vários destes panfletos, na sua quase completa *Bibliografia de Joaquim Nabuco*, Instituto Nacional de Livro/Ministério da Educação e Saúde, Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1952. Consultamo-lo no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, no Recife, para o qual foram doados pela família do grande estadista, e na seção de obras raras da Livraria Kosmos, no Rio de Janeiro.

(2) Florestan Fernandes demonstrou o paralelismo e a situação da intercausalidade na sua tese *A Integração do Negro à sociedade de classes*, publicada na Domínio Editora/Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1965, 2 vois.

um dos aparelhos do seu organismo de que a Escravidão se apropriou, a obra desta irá por diante, mesmo quando não haja mais escravos". (Os grifos são nossos). Tudo dentro do que Joaquim Nabuco chamava de "Direito Social Moderno", (3) noutra grande antecipação.

Eis, em síntese, a percepção nabuqueana do problema. Ele não se detinha na discussão meramente acadêmica das origens históricas da escravatura, nem se contentava em almejar uma simples libertação jurídica; olhava o presente em função do passado, com suas raízes mergulhadas no passado. Presente, passado e futuro redimíveis numa ampla perspectiva sócio-econômica-cultural. Enfim: após abolida a Escravatura, prosseguiria a luta contra a escravidão do homem pelo seu semelhante e diante das circunstâncias naturais e históricas.

Pois, ainda nas palavras de Nabuco, "Assim como a palavra 'Abolicionismo', a palavra 'Escravidão' é tomada neste livro em sentido lato. Esta não significa somente a relação do escravo para com o senhor; significa muito mais: a soma do poderio, influência, capital, e clientela dos senhores todos; o feudalismo estabelecido no interior; a dependência em que o comércio, a religião, a pobreza, a indústria, o Parlamento, a Coroa, o Estado enfim, se acham perante o poder agregado na minoria aristocrática em cujas senzalas centenas de milhar (sic) de entes humanos vivem embrutecidos e moralmente mutilados pelo próprio regime a que estão sujeitos; e por último, o espírito, o princípio vital que anima a instituição toda, sobretudo no momento em que ela entra a recear pela posse imemorial em que se acha investida, espírito que há sido em toda a história dos países de escravos a causa do seu atraso e da sua ruina".

"A luta entre o Abolicionismo e a Escravidão é de ontem, mas há de ser caracterizado por essa luta". (4)

Tanto não bastaria a mera abolição jurídico-formal da escravatura, que ela se apresentava inconstitucional, desde que ignorada oficialmente pela Consolidação das Leis Clivis tentada por Teixeira de Freitas, o qual anunciará ali que "As leis concernentes à escravidão (que não são muitas) serão pois classificadas à parte, e formarão nosso Negro". Paradoxal documento jurídico destinado a manter a "instituição homicida que temos no país, e para cujas desumanidades e extorsões seria preciso além do atual Código Penal, que se aplica a ela em quase todos os seus artigos, um Código especial dos crimes obsoletos da história". (5)

Diante de problema tão grave, teriam desertado progressistas e regressistas, desde o Clero católico aos liberalais: "A deserção pelo nosso clero do posto que o Evangelho lhe marcou foi a mais vergonhosa possível: ninguém o viu tomar a parte dos escravos, fazer uso da religião para suavizar-lhe o cativeiro, nem condenou o regime religioso das senzalas. A igreja Católica, apesar do seu imenso poderio em um

(3) *O Abolicionismo*, Typographia de Abraham Kingdon E Ca., Londres, 1883, pp. 5 e 114.

(4) *Idem*, p. 70.

(5) *Ibidem*, pp. 124, 125 e 130.

Nabuco também mostra (p. 47) a «illegalidade insanável» da escravatura, na sua confessa e inicial provisoriação, conforme se constata no Alvará de 6 de junho de 1755, estatuidno sobre a liberdade dos Índios do Brasil: «Desta geral disposição exceto somente os orludos de pretas escravas, os quais serão conservados no domínio de seus atuais senhores, enquanto eu não der outra providência sobre esta matéria. E do Rei de Portugal ao Imperador do Brasil permaneceu intangível a preceição de originaría.

Vide ainda *Eleições liberais e eleições conservadoras (Propaganda liberal, Série para o Povo, Terceiro opusculo)*, Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1886, p. 35).

pais ainda em grande parte fanatizado por ela, *nunca* elevou no Brasil a vez em favor da emancipação". E "No partido Liberal a corrente (abolicionista) conseguiu pelo menos por a descoberto os alicerces mentirosos do Liberalismo entre nós". (6)

Foram opiniões jamais retificadas por Joaquim Nabuco.

Inclusive após retornar, quase renaniamente, ao Catolicismo embebido de infância sonhadora, Nabuco peregrinou aos pés de Leão XIII, para solicitar-lhe a condenação da escravatura, sem com isto retirar uma palavra da incredulidade nos homens da Igreja pelo menos brasileira, embora retornasse à credulidade nos dogmas. (7)

É a partir desta angulação que Nabuco enfrentará, com objetividade, a Questão Social do seu e nosso tempo, dada a persistência de muitos problemas até os dias atuais. Objetividade crítica e gradualista, para a qual almejava continuidade, ao propor a própria criação de um partido abolicionista, que, "sem todavia formar um partido único e homogêneo", no mínimo viesse a "reunir os elementos progressistas de cada um numa cooperacão desinteressada e transitória, numa aliança política limitada a certo fim..."

"Entende-se por *partido* não uma opinião somente, mas uma opinião organizada para chegar aos seus fins; e Abolicionismo é por ora uma agitação, e é cedo ainda para se dizer se será algum dia um *partido*". (8)

Eis o abolicionista de corpo inteiro, válido ontem, hoje, amanhã, para quem a escravidão "só pode existir pelo terror absoluto infundido na alma do homem". "Enquanto existe, a escravidão tem em si todas as barbaridades possíveis". "Diz-se que entre nós a escravidão é suave, e os senhores são bons. A verdade, porém, é que toda a escravidão é a mesma, quanto à bondade dos senhores esta não passa da resignação dos escravos". "O limite da crueldade do senhor está, pois, na passividade do escravo". (9) E para Joaquim Nabuco, a escravidão aviltava tanto o possuidor, quanto o possuído, conforme ele escreveu no *Manifesto da Sociedade Brasileira contra a Escravidão*: "O homem não é livre nem quando é escravo, nem quando é senhor: vós devéis ser homens livres".

São advertências perenes.

Mas nos concentremos, de agora em diante, nos anunciados textos nabuequeanos, ainda não utilizados por estudiosos do tema e onde se contém o enunciado da sua luta, propriamente dita, em favor do abolicionismo total enquanto meta, e gradual enquanto etapa.

Radicalismo e gradualismo abolicionistas — O primeiro deles, mesmo admitindo existirem outros anteriores, é uma carta aberta de Joaquim Nabuco, em nome da Sociedade Brasileira contra a escravidão, a Henry Washington Hilliard, enviado extraordinário e Ministro Plenipotenciário dos Estados Unidos da América na Corte Imperial brasileira.

A propósito da sangrenta abolição norte-americana, Nabuco interrogava Hilliard: "As relações dos emancipados para com seus senhores; a aptidão que eles têm para com o trabalho livre; o estado da agricultura sob o regime dos contratos; o progresso geral do país depois da crise inevitável, são pontos muito interessante de estudo para

(6) Ibidem, pp. 18 e 10.

(7) Claude-Henri e Nicole Frêches prestaram um grande serviço à cultura brasileira, publicando o inédito nabuequeano *Foi voulue (Mysterium fidei)*, pelo Département d'Etudes Portugaises et Brésiliennes da Universidade da Provença, Aix-en-Provence, em 1971. Nele se contém a última posição religiosa do grande abolicionista.

(8) O Abolicionismo, ob. cit., pp. 14 e 10.

(9) Idem, pp. 133 e 134.

nós que teremos que aproveitar, como os plantadores da Luisiania e do Mississipi, os mesmos elementos de trabalho, deixados pela escravidão, e o trabalho voluntário da mesma raça por ela adscrita cultura do solo". O motivo da indagação nabuqueana originava-se numa recente declaração de Jefferson Davis, o antigo Presidente da derrotada Confederação sulista, reconhecendo "que a herança do trabalho escravo aumenta consideravelmente nas mãos dos trabalhadores livres, e que por esse lado a abolição foi um grande benefício para a seção do território, onde ela ameaçava ser uma catástrofe e a perpétua ruína".

Hilliard respondeu confessando ser um tradicional "filho do sul, criado e educado ali, senhor de escravos, representante por muitos anos no Congresso de um distrito de plantação dos mais vastos e mais opulentos, numa seção onde o trabalho escravo era exclusivamente empregado..." E, apesar disto, o "gentleman farmer" admitia "como justa à raça de cor, que nunca na história do mundo uma casta, mantida em cativeiro, subitamente libertada se conduziu tão bem".

Ao contrário de muitos prognósticos, os negros não abandonaram o trabalho em massa, nem se rebelaram, nem pilharam. "Entretanto, este povo não era uma tribo fraca, degenerada, esparsa; o seu número sobe a cinco milhões, constituindo hoje um elemento de força nos estados do sul".

E concluiu: "Nunca no progresso da sociedade humana tiveram os dois sistemas de trabalho, o livre e o escravo, uma prova tão certa das suas vantagens respectivas como nos estados do sul da União. Eu observei os resultados de ambos". (10)

Era o que Joaquim Nabuco desejava ouvir: um antigo escravocrata sulista dos Estados Unidos, retificando os preconceitos desmoronados no seu país e desmoronáveis no nosso. Tratava-se também de uma prudente, porém eficaz, intervenção indireta dos Estados Unidos em favor da propaganda abolicionista no Brasil. Nabuco lavrara dols tentos, começando a chamar a atenção da opinião pública mundial para o problema da escravidão no Brasil e trazendo aos olhos dos escravagistas impenitentes o exemplo da retratação de um ex-colega, com tão alto gabarito e experiência.

No mesmo ano, 1880, Nabuco traduz, para o inglês, o *Manifesto da Sociedade Brasileira contra a Escravidão* (11), de sua autoria, sob a epígrafe "Let Justice be done, though the Heavens fall!" No ano seguinte, levaria sua mensagem pessoalmente a Madrid e a Londres, num apostolado transcontinental, conclamando o mundo a solidarizar-se com a causa do abolicionismo brasileiro.

Na edição brasileira do *Manifesto*, admoestava a todos — aos Partidos Conservador, Liberal e Republicano, à Monarquia e ao Gabinete Saraiva em especial — sobre o erro que cometiam deixando passar o momento da abolição e a todos conclamava, numa ampla Frente Única, para derrubar a escravatura.

Mas, "O gabinete Saraiva infelizmente não aspira a tanto: ele quer ser um episódio comum da nossa história política, e não um acontecimento na nossa história social". Os liberais negavam a si mesmos, "à sua própria razão de ser, ao nome que assumiu, à posição que ocupa, pondo-se ao serviço da escravidão". Os conservadores esqueciam de ver, "no movimento Abolicionista o resultado da sua obra, a repercussão da sua iniciativa". E "ao partido republicano dizemos que a causa da república é prematura ao lado da causa da Emancipação...".

Quanto à Monarquia, o meio de torná-la "um poder popular na América é dar-lhe a missão que já lhe coube na Europa: de destruidora dos privilégios feudais e de libertadora dos servos da gleba".

(10) Cartas do Presidente Joaquim Nabuco e do Ministro Americano H. W. Hilliard sobre a Emancipação nos Estados Unidos, Sociedade Brasileira contra a Escravidão.

(11) *Manifesto of the Sociedade Brasileira contra a Escravidão (Brazilian Anti-Slavery Society)*, Reprinted from The Rio News, Rio de Janeiro, 1880.

Cumpriria a todos, "os que aspiram à fundação de um país livre, uniram-se em torno de uma bandeira comum, que é a sua libertação do solo".

Dada, porém, a reação ou emissão dos partidos inseridos no sistema vigente, "E por isso que pertence aos elementos extra-oficiais dos nossos partidos o papel que estão assumindo". Que se mobilizassem, portanto, os grupos de pressão, mesmo quando "os perigos de uma agitação são grandes, mas provêm sobretudo da resistência intransigente oposta às reformas necessárias pela minoria dos interessados, a qual infelizmente sufoca a maioria, como representante legítima que é do espírito da instituição".

Pelo Brasil, e que não só pelos escravos, é que se estaria lutando: "O que fazemos hoje é no interesse de seu progresso, de seu crédito, da sua unidade moral e nacional". (12)

Apostolado abolicionista internacional — O ano de 1881 encontrou Joaquim Nabuco em pleno apostolado internacional.

No dia 23 de janeiro, discursava na Sociedad Abolicionista Española, em nome da "Sociedad Abolicionista Brasileña", da qual era apresentado como "fundador y Presidente" pelo seu confrade castelhano.

Retomando sua pregação, evocou de novo os resultados positivos da emancipação estadunidense e reconhecia que o aparecimento de "um governo que se chamava ligeiramente" — "com o programa de manutenção (sic) da grande propriedade, por meio do respeito supersticioso dos direitos adquiridos da escravidão" — facilitara, paradoxalmente, o impulso do "que parecia uma questão morta pela indiferença dos elementos liberais".

O negro não era refratário ao "Progresso", como se dizia no século XIX, sendo, "pelo contrário", "um elemento ativo de desenvolvimento", segundo se diz hoje e já Nabuco procedia o uso da expressão.

E apesar da Inglaterra proibir o tráfico, "vê-se, como vimos no Brasil, uma companhia inglesa poderosíssima reduzir durante vinte anos à escravidão cerca de trezentos homens livres". Pois, proclamava Nabuco aos espanhóis "na verdade, senhores, em grande proporção a escravidão ali não é nacional, é estrangeira". "Muitos, muitíssimos dos proprietários de escravos e dos traficantes de carne humana não são cidadãos brasileiros". (13)

Dissipava-se assim a lenda que os "nativos" brasileiros, mestiços e amolecidos pelos trópicos, praticavam sozinhos a nova antropofagia lenta da escravidão contra seus semelhantes.

Em 23 de março, ainda de 1881, Joaquim Nabuco falava num "public Breakfast", dado em sua honra pelo Presidente da "British and Foreign Anti-Slavery Society".

Mais uma vez Nabuco retomava a tónica patriótica: "The reason why, as a political rising-party, we fight slavery is exactly because we wish to see Brazil assume a preader position in America, by getting rid of this blot upon civilization". E o Brasil não emancipava seus escravos para justificar-se perante as nações mais "civilizadas" (com seu jogo duplo diante da escravidão) e sim para corresponder à nossa tradição liberal autêntica, aquela intocada pelas escusas concessões do Partido que arvorava este nome: "But emancipation in Brazil is not the creation of men who look to the approval of European feeling. Emancipation there is the natural growth

(12) *Manifesto da Sociedade Brasileira contra a Escravidão*, Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1880, pp. 13-17.

(13) *Sociedad Abolicionista Española. Sesión del 23 de enero de 1881, Discursos de los Sres. Chno, Aguilera, Portuondo, Arnau, Zapatero y Mora. Discurso del Sr. Nabuco (La esclavitud en el Brasil. — La Ley de 1871. La guerra del Paraguay. Los abolicionistas brasileños y el mundo contemporáneo)*, Presidencia de la Sociedad Abolicionista, Madrid, 1881, pp. 4-7.

on a liberal soil of the most democratic environments in America..." E neste pionerismo liberal, destacava a rebelião libertária de 1817, apesar dela aceltar, na sua constituição, a escravatura à maneira da estadunidense, repetindo o mesmo erro, redimido por José Bonifácio, "the statesman who created our country"...

A visão mundial do problema da escravatura, com as palavras do Ministro Hillard ecoando nos ouvidos, levava Nabuco a relembrar que, nos Estados Unidos de ontem e no Brasil de amanhã, ex-escravos não abandonam os campos pelo mero prazer da descerção. Na grande luta abolicionista, lá vem de novo a convocação nacional, seu triunfo "will not be the conquest of one man nor of one party, but the achievement of the whole nation, masters and slaves, glad to see the dawn of a new life close the long period of slavery; so that Brazil may be able to say, after three centuries of servitude, in the words of the poet:

The day begins to break, and night is fled". (14)

Aproximou-se, enfim, o auge da campanha abolicionista.

Abolicionismo e Liberalismo — Reintegrado no Partido Liberal, Nabuco passou a sinonimizar Liberalismo e abolicionismo.

Em 1886, no "primeiro apúsculo" da "série para o povo", publicado pela "propaganda liberal", Joaquim Nabuco proclamava "neo-liberal", "adiantado" (ou "avancado", conforme diríamos hoje...), logo no Prefácio: "A maior necessidade presente do Liberalismo adiantado a que pertenco, e que se pode chamar o Neo-Liberalismo..." (15) (Sic).

Pedro II e o Abolicionismo — Prosseguindo o raciocínio de três anos antes, no livro *O Abolicionismo*, ele concentrava seu ataque contra a omissão de Pedro II: "... tão poderoso como é, tão poderoso que nenhuma delegação da sua autoridade atualmente conseguirá criar no país uma força maior do que a Coroa", "Mas, por isso mesmo, D. Pedro II será julgado pela história como o principal responsável pelo seu longo reinado; tendo sido o seu próprio valido durante quarenta e três anos, ele nunca admitiu presidentes do conselho superiores à sua influência e, de fato, nunca deixou o leme".

"Não é assim como soberano constitucional que o futuro há de considerar o Imperador, mas como estadista; ele é um Luiz Felipe, e não uma Rainha Vitória..." (16)

Dai a carga nabuqueana contra o que chamava de "erro do Imperador", ao marginalizar-se diante do Abolicionismo. Erro ao qual procuraria superar demasiado tarde, quando se tornará impossível popularizar a Monarquia, apesar dos seus esforços e mais os de André Rebouças, José do Patrocínio e do Visconde de Ouro Preto.

Magoava-se Nabuco diante da atitude imperial e da sua família, confundindo "Partido Conservador e Monarquia", embora fossem forças "não só diferentes, nas muitas vezes opostas". "O parasita está longe de ter ódio, deve ter mesmo amor, ao organismo que o alimenta e que ele arruina".

Pedro II baterá em retirada, diante do abolicionismo, em três etapas.

Primeiro, usa o divisionismo para cindir os liberais diante dos conservadores unidos em relação ao problema. "É a fase da Luta".

Ocorrem as eleições. "O Imperador vê a faiança escravista unida como um só homem constituir a Câmara e derribar o ministério Dantas, e chama ao poder o Sr. Saralva. A escravidão abalada triunfa; os Conservadores sentem-se no poder; a alian-

(14) *The Anti-Slavery Reporter (under the sanction of The British and Foreign Anti-Slavery Society)*, series 4, vol. I, n.º 4, abril 14, 1881, pp. 51-56.

(15) *O erro do Imperador (propaganda liberal. Série para o Povo. Primeiro opúsculo, Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1886, p. I.*

(16) *O Abolicionismo*, ob. cit., p. 199 e 200.

ca consolida-se e resulta em um projeto de lei satisfatório para a lavoura e opressivo para os escravos; quando esse projeto passa na Câmara, o Sr. Saraiva demite-se. É a fase da Capitulação".

O gradualismo abolicionista precisava ser acerado.

Esgotaram-se as possibilidades de espera, após tantas leis adiando a formal emancipação. A última fora a do Sexagenário, fazendo escravos ainda esperarem décadas para a abolição.

Nabuco descreve sua tramitação e desvirtuamento: "Tercelra fase: O Imperador, depois de uma tentativa Liberal manifestamente fingida, chama os Conservadores e impõe-lhes desde logo um programa: fazer passar o projeto tal qual foi vetado na Câmara. A lei passa nas duas Casas. O movimento abolicionista decresce em todo o país. O período eleitoral é em toda a parte a livre vindita da escravidão. Os escravos são perseguidos. A lei não é executada. As eleições dão uma Câmara Conservadora quase unânime. É a fase da Reação".

Não havia dúvidas quanto à responsabilidade do Imperador, temeroso diante de uma opção que viria demasiado tarde.

"Eu mesmo tenho feito justiça (vide *O Abolicionismo*, p. 83) aos pálidos e intervalados esforços do Imperador, tanto para a supressão do Tráfico como para a liberação dos nascituros. O que se tem feito por lei é devido *principalmente* a ele, mas o que a lei tem feito é muito pouco, é realmente nada, quando vemos que esse é o resultado de quarenta e seis anos de reinado e comparamos o que se salvou do naufrágio com o que se perdeu e se está perdendo!"

O partido Conservador manobrara com "verdadeiro gênio estratégico", postergando o abolicionismo: era o que se esperava. A momentânea "vitória dessa intranqüilidade contra o Comunismo, dessa Cruzada dos Homens de bem contra Os que não têm nada a perder". (Sic...). A Lei do Sexagenário significava "ceder de repente, apresentar uma reforma como ainda mais adiantada que o projeto que originou a guerra civil, tudo para galgar o poder e cunhar moeda para a escravidão com os próprios sentimentos abolicionistas do país!"

Era o que se esperava dos conservadores, mas os liberais começavam a reabilitar-se: "A situação Liberal, é preciso dizê-lo, foi um período de apostasias e desfalecimentos no poder, mas foi também um grande período de agitação no país. Ela perdeu-se pelo que produziu, mas há de ser salva pelo que semeou".

Diante da manobra dilatória da Lei do Sexagenário, a culpa, quase o dolo, recata nos ombros de Pedro II: "Em 1885 um ato, uma palavra do Imperador teria vencido a resistência enfraquecida do escravagismo, que se extenuou derribando o ministério Dantas. Em vez desse ato ou dessa palavra S.M. fez exatamente o contrário: dissolveu a Câmara com a resolução formada de entregar o país à reação escravista, sacrificando assim à desforra da escravidão a honra do seu reinado!"

A Monarquia acabou tendo de pagar o preço pelas vacilações, pendulando entre escravistas e abolicionistas, como que para ganhar tempo e, na realidade, perdendo-o. "Pois bem, o culpado de tudo isso é principalmente o Imperador, porque quando era preciso caminhar resolutamente para diante, ele voltou para trás; quando o país ansiava por idéias novas e um espírito de governo novo, ele só pensou em dar arras à escravidão e em reconciliar-se publicamente com ela, sujeitando-se à penitência humilhante que ela lhe impôs como ao seu primeiro vassalo".

O "erro político" envolveria "uma infinidade de crimes dessa ordem", apesar da tranquilidade olímpica de quem preside a ele diariamente..." (17)

(17) *O erro do Imperador*, ob. cit., pp. 1 e 12-18.

Eclipsara-se o abolicionismo, pelo menos por um momento, segundo o título do "segundo apúsculo". "Mas o Eclipse do Abolicionismo já tem durado demais. É preciso sacudir esse torpor e recomeçar a campanha". O Eclipse fora "produzido pela posição de um corpo opaco — o partido Conservador — entre o Brasil e a Humanidade..."

Pairava a paz dos túmulos.

"A laboura está calma", "contraste notável daquela agitação com a tranqüilidade que hoje reina no país". "O movimento provincial, que libertou o Ceará e o Amazonas, deixando também o Rio Grande do Sul muito perto do fim, parou e retrocedeu". "Vê-se em todo o país o cansaço que sucede a um esforço superior à elasticidade do organismo, à concentração do espírito em uma obra de desinteresse". (18)

O esforço da campanha abolicionista excedera-se a si mesmo: "Dois anos, ou três, de Abolicionismo, isto é, de preocupação da própria dignidade, parecem ter gasto a reserva moral da nação, a sua capacidade de ressentir". Teria sido Pedro II o responsável pela baixa de pressão, assustado pela alta temperatura política, que ameaçasse tragar a nação na crescente agitação: "Em toda a parte os Abolicionistas sentem que a opinião está sendo resfriada por uma forte corrente glacial que desce do pólo de S. Christovão. O POVO ESTÁ INDIFERENTE A SUA PRÓPRIA COR". (SIC). (19)

De novo Liberalismo e Abolicionismo — Vieram as eleições. Liberais e conservadores engalfinharam-se. Triunfaram os segundos, mais objetivos no manejo das tramas e futrícias eleitorais.

"O contraste resume-se assim. Mais duas eleições Liberais: grandes minorias Conservadoras — um terço na primeira, dois quintos na segunda — compostas de todas as metabilidades do Partido; eleições ganhas por este onde o Governo tinha poderosos meios de ação, como nesta cidade e muitas capitais de Província; seus homens mais rancorosos e mais capazes de fazer o mal, todos eleitos". Pelo contrário, "Na eleição Conservadora: unanimidade em grandes províncias, com Conservadores, todos os homens de valor, real ou suposto, triunfantes: e da pequena minoria Liberal, raríssimos eleitos contra os desejos íntimos do Governo (está visto que os Srs. José Mariano e Cesário Alvim estão neste número), diversos eleitos com a sua simpatia e alguns até com o seu apoio".

A depuração funcionava no sentido de aprovar apenas os liberais domésticos. Os rebeldes que enfrentassem sozinhos a máquina eleitoral manipulada pelos conservadores sobretudo rurais, diante dos liberais principalmente urbanos. O próprio Nabuco era eleito, quase sempre, pela circunscrição do bairro do São José, no Recife, habitada por artesões livres e baixa classe média: um típico proletariado da época. Enquanto o Partido Conservador, "ou sou o primeiro a reconhecê-lo, tem

(18) *O eclypse do Abolicionismo* (Propaganda liberal. Serie para o Povo. Segundo opúsculo), Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1886, pp. 1 e 32-42.

A admiração de Joaquim Nabuco pelo Ceará abolicionista era vidente e profundo. Na conferência em Londres (vide *The-Anti-Slavery Reporter*, ob. cit., p. 53), ele enfatizava «the spontaneous resistance which the people of Ceará has just made to the shipment of slaves for the south: not of the raftsmen, who risk their lives on their floating boards, would take one slave to the vessels, nor would the people allow the dealers to embark their cargo». Pioneirismo cearense seguido por outras províncias: «... a lead which Ceará was going to take, and which Rio Grande do Sul and Amazonas ought to carry out on our frontiers».

Dai a dedicatória d'O Abolicionismo (1883):

«AO CEARÁ.

Il fait jour dans votre ème ainsi que sur vos fronts,
La nôtre estunemuitó nous nous égarons.

LAMARTINE. Toussaint Louverture.

(19) *O eclypse do Abolicionismo*, ob. cit., p. 32.

todas estas vantagens sobre nós: de ser um partido disciplinado, organizado, ambicioso, previdente, paciente, autoritário, palaciano, escravista, rico e cético".

Portanto, para Nabuco não funcionava a "boutade": "Nada mais parecido com um Saquarema que um Luzia", identificando Conservadores e Liberais.

"A minha tese é outra, e é que se os Liberais tivessem feito ao Governo o que os Conservadores acabam de fazer nunca teriam perdido as eleições que quisessem ganhar". (20)

E, não deixando escravizar-se à paixão política, e humanista, na sua vocação universal, celebrando em francês a próxima emancipação dos escravos:

"C'est l'Esclavage Noir! ... L'Esclavage Moderne!
Mille fois plus honteux, mille fois plus sanglant,
Que du temps, ou Néron sortait de la taverne
Au flambeau résineux de l'Esclave... brûlant!"

Ah! c'est horrible à dire... il faut pourtant qu'en ille,
C'est notre grand marché, que ce grand Marché Noir...
Près du Trône, au Sénat, au Prétoire, à l'Eglise,
Partout les Négriers ont mis leur abattoir." (21)

Da mesma forma que admoestava o Imperador, com "o segundo recesso do Sétimo Círculo do Inferno";

"Uomini fummo, ed or sem fatti sterpi:
Ben dovreb' esser, la tua man piu pia,
Se state fossim animo di serpi".
"Parole o sangue!" (22)

Abolicionismo e Socialismo agrário — Veio enfim a abolição, embora da escravatura jurídica não da escravidão sócio-económica — em todas suas consequências — e culturais, segundo o próprio Nabuco previa. Ele que não se iludira e chegara a precisar as implicações socialistas agrárias do fenômeno, em ensaio, ainda hoje memorável, a propósito de Henry George, "esse novo Evangelho de Democracia socialista anglo-saxonia".

E afirmava claramente: "Utopias generosas, entretanto, nunca fazem mal. O que elas têm de impraticável fica esperando indefinidamente pela sua hora; mas o

(20) Eleições Liberaes e eleições conservadoras (*Propaganda liberal, Serie para o Povo, Terceiro opusculo*), Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1886, pp. 52 e 53.

Mais adiante, Nabuco incide numa certa ingenuidade, ao proclamar: «Haverá alguém entretanto que acredite que o Brasileiro é Conservador? A julgar pela nova Câmara, com raríssimas exceções, o povo Brasileiro é tão Conservador que nele são Conservadores até os Liberais».

E conclui: «A verdade é exatamente o contrário: a nação Brasileira é mesmo filiologicamente falando, uma das mais liberais que existem. A prova do seu liberalismo está no seu temperamento tão profundamente democrático — e nisso somos o único povo no mundo — que no Brasil todos são iguais». (pp. 56 e 57). Sic...

Dai suas palavras em Londres: «But emancipation in Brazil is not the creation of men who look to the approval of European feeling. Emancipation there is the natural growth on a liberal soil of the most democratic environments in America...» (*The Anti-Slavery Reporter*, ob. cit., p. 51).

(21) Escravos! Versos franceses a Epicteto (*Propaganda liberal, Serie para o Povo, Quarto opusculo*), Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1886, pp. 68 e 72. Da mesma forma que noutra obra, *Pensées détachées*, Nabuco alinha uma paralela tradução castiça, em português, diante do original francês.

(22) O eclipse do Abolicionismo, ob. cit., p. 42

sentimento, que as inspirou, e os impulsos, que elas criam, concorrem sempre para realizar algum bem".

Pois, embora lhe parecesse muito violenta "a *nacionalização do solo* sem indenização aos atuais proprietários", mesmo a título de extinguir o que também Nabuco reconhecia como "a miséria, que é a lepra da civilização", o grande abolicionista admitia "que no futuro, com o aumento progressivo da população seja constituído em propriedade pública inalienável". Porém, até se chegar lá, as desvantagens da despropriação seriam "muito maiores que as vantagens", através da corrupção burocrática, da "retirada dos capitais", da "incerteza da posse", do "arbitrário da divisão oficial do solo a parcelas", "dando lugar à criação de classes parasitárias e nômade no seio de uma agricultura dependente do favor dos homens políticos".

Palavras ainda muito oportunas...

Além do que, para Nabuco, ao contrário de Proudhon, a propriedade não é "um roubo legalizado, que a lei pode abolir sem compensar". Daí aquele preferir uma numerosa classe de pequenos proprietários (repetindo Chamborlain: "A propriedade será mais segura quando houver maior número de proprietários"), reservando-se à "nacionalização" as terras devolutas, talvez à maneira como se tentou, no Brasil, muito depois e, nem sempre, com maior êxito.

Apesar da intenção de Joaquim Nabuco apresentar-se mais profunda: "Não fazemos objeção ao socialismo, mas deve ser o socialismo plus os Dez Mandamentos". (23)

Eram idéias e palavras consequentemente num "neo-liberal adiantado", conforme ele mesmo se declarava. Posição característica de um social-democrata, reformista mais libertário que igualitário, preferindo sintetizar estas duas atitudes, em vez de opô-las em nome da Revolução, com a tirania da segunda sobre a primeira.

Reabilitação liberal e abolicionista da Monarquia — A medida que o tempo passou, com a vitória republicana o Brasil retrocedeu, do ponto-de-vista sócio-econômico — se compararmos a atuação de Campos Sales e Murtinho com as realizações pioneiros de Mauá e Teófilo Ottoni, ao lado das bandeiras desfraldadas nos últimos momentos da Monarquia pelo próprio Nabuco e mais André Rebouças, Patrocínio e Ouro Preto — aquele triunfo fora apenas formal, mais uma vez, abrindo mais janelas para respirar-se, que portas por onde se entrar.

Portanto, não só gratidão mantivera Joaquim Nabuco fiel à Monarquia, ele que afirmara, muito antes, no auge dos ataques contra Pedro II, não ser "inimigo partidário nem desafeto pessoal do Imperador, muito pelo contrário..." (24)

A medida que a morte se aproximava, Nabuco via perder-se o Império na distância, procurando então amenizar os prejuízos da República que dividira, mais do que nunca, os brasileiros entre si, levando o próprio Nabuco a discursar em favor dos feridos do que chamava de "Guerra Civil do Rio Grande do Sul", em pleno 1893, quando os remanescentes da esquadra de Saldanha e Custódio se juntavam aos libertários gaúchos: "Brasileiros que recolhem brasileiros feridos no campo de batalha não fazem o papel do Bom Samaritano; praticam um ato de solidariedade nacional".

(23) Henry George (*Nacionalização do solo. Apreciação da Propaganda para Abolição do Monopólio Territorial na Inglaterra*), A. J. Lameureux, Rio de Janeiro, 1884, pp. 3 e 6-9.

Textualmente: «A *nacionalização* tem que ser ensaiada em países novos, com grande área de terras vírgens ou públicas, e ensaiada com bons resultados, antes de ser seriamente considerada como um progresso e não como um retrocesso da civilização». (p. 10).

(24) O erro do Imperador, ob. cit., p. 13.

O federalismo, tão apregoado pelos republicanos históricos, dilui-se: "Desde que o centroexorbite, o Estado autônomo tende a escapar pela tangente". (25) E o centro estava controlado por jacobinos florianistas e sonhadores positivistas...

Espírito apolíneo, humanista e universal, desgostavam-no todas as tiranias, ele que vira o Império tão respeitoso diante das tradições anglo-saxônicas da democracia representativa, por mais aristocrática que tivesse sido, diante de uma república ainda e sempre oligárquica, desrespeitosa da liberdade que só pode ser individual, embora não necessariamente individualista. Daí sua repulsa diante das "longas encarcerações sem processo, deportações e banimentos por crimes de influência política, verdadeira ressurreição no do antigo ostracismo, a anulação tácita, e quando preciso expressa, do *habeas-corpus*, o julgamento de fatos civis e políticos — não crimes — em segredo de justiça, por uma comissão militar ad hoc, uma só para toda a república, ao passo que em tempos do Império mesmo os militares que tomassem parte em rebelião eram julgados pelo júri..."

Diante de tantos abusos, Nabuco respondia, aos que lhe indagavam: "Monarquista sem esperança de monarquia, para que serve?", "Serve para não ser republicano sem esperança de liberdade" (26).

"Neo-Liberalismo" e "Social-Democracia" motivando todas posições, típicas do Girondinismo, nas palavras de Antônio Cândido, a propósito do Primeiro Reinado: "... são sempre girondinos, nas crises, os que embora sinceramente partidários de reformas radicais, deslizam insensivelmente para o centro, à medida que o processo político suscita à sua esquerda elementos mais avançados, dispostos a modificar a própria estrutura social". Também diante de Nabuco, "à sua esquerda juntaram-se grupos de duvidoso aventureirismo, onde não poderiam avultar os democratas e republicanos sinceros, e cujo predominio teria acarretado porventura o esfacelamento do país; enquanto, à sua direita, se estendia a ampla franja de vírgentos reacionários..." (27)

O próprio Nabuco frisara sua repulsa girondina à tirania revolucionária, além de aderir antes ao Gradualismo: "A escravidão não há de ser suprimida no Brasil por uma guerra servil, muito menos por insurreições ou atentados locais". Adviria a vitória do abolicionismo liberal de "Wilberforce, Lamartine e Garrison, que é o nosso", contrário ao de "catilina ou do Spartacus, ou de John Brown", "um exemplo tremendo". Só se a porta fosse fechada a um, triunfaría o outro: "Quanto mais crescer a obra do Abolicionismo, mais se dissiparão os receios de uma guerra servil, de insurreições e atentados". Guerra Servil implicava em Guerra Civil...

Em síntese: "... fizemos nossa divisa das palavras de Sir Walter Scott: — 'Não acordeis o escravo que dorme, ele sonha talvez que é livre' ". (28)

Não era que o país estivesse despreparado para a república. E novas formulações sociais.

Era ela que "não estava preparada para o governo". Homens tinha; "O que ela não tinha eram princípios".

Nabuco, reconhecendo o inicial impulso de "aspiração democrática" no Partido Republicano, acrescenta e conclui que "o primeiro grande contingente, porém, que

(25) Discurso do Dr. Joaquim Nabuco pronunciado na kermesse organizada pela comissão central da Cruz Vermelha a favor dos feridos na Guerra Civil do Rio Grande do Sul a 2 de Julho de 1893 no Cassino Fluminense, Typographia do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., Rio de Janeiro, 1893, pp. 1 e 9.

(26) Porque continuo a ser monarchista (Carta ao Diário do Commercio), Abraham Kingdom & Newnham, Impressores, 1890, pp. 7 e 22.

(27) Formação da Literatura brasileira (Momentos decisivos), Livr. Martins Editora, 1º vol., São Paulo, 1964, p. 269.

(28) O Abolicionismo, ob. cit., pp. 30 e 31.

ele recebeu, o da escravidão, fe-lo perder de vista o povo; e o segundo contingente, o do exército, que o tornou vencedor sem combate, fe-lo perder de vista a própria república".

Quem quisesse aplaudisse a "experiência sociológica" republicana.

Joaquim Nabuco repelia-a por inautenticidade intrínseca, "necessariamente desastrosa". E insiste, por desencargo de consciência: "Note-se bem que eu tinha por feita a república, quando pronunciei na câmara a minha última declaração monarquica".

"A história recordará como uma de suas páginas mais originais essa monarquia brasileira que não era militar, nem clerical, nem aristocrática, e por isso foi derrubada pelo exército, depois da revolta ao escravismo, entre a indiferença da igreja". (29)

Enquanto a Marinha lhe permanecera fiel, recebendo também a solidariedade de Nabuco, quando da Revolta da Esquadra, pois "Há no desenrolar do pavilhão na solidão do oceano, quando dois navios se encontram, uma sugestão de patriotismo que cala na alma até o fundo. É diante do estrangeiro que se educa, se corrige, se apura o sentimento patriótico, e o marinheiro está sempre diante do estrangeiro. Daí o seu afastamento natural, a sua incompreensão de tudo que divide o país; o seu amor a tudo que o une. Ele tem o sentimento da pátria, unitário, nacional, impensoal; por isso as velhas tradições do país conservam-se vivas nos navios depois do quase apagadas em terra. A esse sentimento une-se a sua simpatia pelas idéias e pelas coisas que ele sabe ser universais, por que as [contou], à volta do globo, nas diversas escalações do seu navio". "Para um sentimento se apossar do seu coração é preciso que tenha alguma coisa de vasto, de insondável. O oceano é o molde em que é lançada a sua individualidade". (30)

Joaquim Nabuco — cosmopolita, aristocrático e humanitário — tanto quanto Saldanha da Gama, só podia identificar-se e solidarizar-se com este.

Mas era a abolição que unia para sempre o máximo abolicionista à Monarquia, colaborando de "uma revolução social como a de 13 de Maio".

O próprio Nabuco enumerou as etapas do seu monarquismo, conciliável com um reformismo largo e generoso, "néo-liberal" nas suas palavras ou social-democrata se quiséssemos ampliar a expressão: "A minha adesão à monarquia teve quatro fortes razões, em fases históricas sucessivas".

"Antes do movimento abolicionista eu era monarquista como liberal, por acreditar que a monarquia parlamentar com o seu sistema de partidos, que mutuamente se fiscalizam e se limitam, e de responsabilidade ministerial perante as Câmaras, permitindo a ação imediata e livre de prazos da opinião no governo, era para nós um sistema de garantias públicas e individuais superior à república presidencial, governo de um só homem, ou de um só partido, o que é talvez pior, nos povos de caráter ainda inconsistente e entre os quais a independência pessoal é uma rara exceção".

"Desde a campanha da abolição em 1879, fui monarquista principalmente como abolicionista, pela razão, negativa, que a liberdade pessoal do homem deve preceder à escolha da forma de governo, e pela razão positiva da abstenção sistemática do partido republicano — precipitado político das suas leis de 1871 e 1888, — que se desinteressou da abolição declarando-a um problema exclusivamente monarquico".

Eram dois argumentos típicos de um liberal, para quem a liberdade não deveria antagonizar a igualdade, conforme de novo ele insiste: "Ao levantar a bandeira da federação em 1885 tive para sustentar a monarquia, a razão de que sem ela, sem um eixo nacional fixo e permanente sobre o qual girasse o sistema federal desimpedido,

(29) Porque continuo a ser monarquista, ob. cit., pp. 7 e 4.

(30) Balmaceda, Typographia Leuzinger, Rio de Janeiro, 1895, pp. 86 e 87.

ver-se-ia no Brasil perpétuo conflito que se deu em toda a América entre o unitarismo e o federalismo e do qual resultou a destruição deste último, exceto na União Americana, que pôde sobreviver à maior guerra civil da história causada por aquela luta de forças. Nesse período a monarquia era para mim a conciliação da unidade com a autonomia".

E, por fim, a gratidão: "A quarta fase da minha adesão à monarquia data de 13 de Maio. A atitude da monarquia nesse dia criou entre ela e a parte do abolicionismo a que eu pertencia um laço de solidariedade que no futuro, com o desenvolvimento da consciência moral no país, se compreenderá melhor do que hoje. 'É um crime toda obra feita em proveito de ingratos', li em um escritor Cristão. Eu não tinha tanta certeza disso, mas tinha de que era um crime nacional a Ingratidão, e seria Ingratidão, um ano depois da lei de 13 de Maio, derrubar a monarquia com o apoio da propriedade injustamente ressentida".

Não se tratava de saudosismo, já o demonstramos há pouco, recorrendo ainda a Nabuco.

Ele insiste: "Planta exótica, a monarquia tinha que manter em redor dela uma atmosfera de liberdade para poder existir na América, ao passo que a república medra neste contingente em quaisquer condições internas ou externas, e resiste ao despotismo, ao desmembramento e à conquista".

Desaflando os republicanos, Nabuco afastava-se do seu caminho, apelando para que os companheiros monarquistas fizessem o mesmo, de retirar a aqueles os pretextos do fracasso: "Destruída a monarquia deve pertencer aos que tem fé na república dar-lhe as melhores instituições. Organizada por antigos monarchistas, a república seria uma lei de bancarrota votada pelos fallidos". "Mas a primeira condição para bem guardar qualquer depósito é o caráter, e eu considero duvidosa entre as provas de caráter a de pretenderem organizar a república os mesmos homens que se ela tivesse sucumbido a 15 de Novembro estariam do lado dos vencedores". (31)

Sabemos que, no final das contas, as coisas aconteceram de modo diferente.

A chamada República "velha" foi apossada pelos oportunistas Conselheiros agressivos do Império. Os republicanos ditos "históricos" viram-se arquivados, esquecidos, quase mortos civilmente.

O Terceiro Reinado — de Ouro Preto, Silveira Martins, Rebouças, Patrocínio e Nabuco — não chegou a existir, em seus sonhos de renovação social sob uma coroa jovem e progressista. Mulher e casada com um príncipe estrangeiro e timido, a herdeira não teve forças, nem vontade, de reagir. A Monarquia naufragou vítima das suas contradições internas e da sua inadaptação diante de latifundiários, clérigos e militares contrariados nos seus interesses.

Ao apagar das luzes da carreira política, agradecendo os fiéis conterrâneos e eleitores de Pernambuco, nas vésperas do partir para o Exterior onde faleceria, Nabuco afirmava: "Eu receio muito, meus caros comprovíncias, que um dia, no futuro distante, quando se descobrir no estrangeiro o túmulo emprestado ao último representante da nossa monarquia, se reconheça que ele foi sepultado, à moda dos heróis antigos, com o que mais caro lhe fora em vida: a liberdade e a unidade do seu país". (32)

Atualidade de Joaquim Nabuco — E quando hoje voltamos os olhos ao passado, Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo prossegue mantendo sua atualidade. Chega a crescer, com mensagem exigindo abolição mais completa.

(31) Resposta às mensagens do Recife e Nazareth, 2.^a ed., Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1890, pp. 7, 4-6, 9 e 25.

Continua "o aspecto mesmíssimo dos ergastulos rurais".

A escravatura desapareceu juridicamente, mas sobrevive a escravidão, que "consiste na obrigação de quem está sujeito a ela de cumprir sem ponderar as ordens que recebe, de fazer o que se lhe manda, sem direito de reclamar coisa alguma, nem salário, nem vestuário, nem melhor alimentação, nem descanso, nem medicamento, nem mudança de trabalho". (33)

Muitos aspectos mudaram para melhor, sem contudo, aproximar-se de longe da perfeição. Novas formas de escravidão insistem em sobreviver. Algumas invocando o nome da igualdade para sufocar a liberdade. Ou usando o nome desta para negar aquela.

O humanista Joaquim Nabuco permanece vivo na sua lição-síntese.

(32) Agradecimento aos pernambucanos, 2.^a ed., Abraham Kingdom & Newnham, Impressores, Londres, 1891, p. 23.

(33) O Abolicionismo, ob. cit., pp. 118 e 128.